

# UM CAMINHO PARA A LIBERDADE, DE JOJO MOYES: PARA PENSAR O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE, LUTAS E CONQUISTAS

Rafael Barros de Sousa <sup>1</sup>

*Frank se assegurara de que Margery não frequentasse a escola. Ele não acreditava que livros pudessem ensinar alguma coisa, por mais que a mãe implorasse para que a menina fosse. Mas a Srta. Sophia e a mãe, Srta. Ada, estimularam em Margery um amor pela leitura que, muitas noites, a levava para bem longe da escuridão e da violência de casa.*

(Jojo Moyes, 2019)

## RESUMO

O presente artigo é resultado do trabalho final em exigência para provação na disciplina de Literatura e Estudos de Gênero, componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), que pretende analisar as representatividades da violência de gênero sofrida por mulheres na obra: *Um caminho para a Liberdade* da autora britânica Jojo Moyes (2019), bem como ressaltar o poder da literatura como importante potencializadora no que tange os debates sobre a violência contra a mulher. O título indica o caminho que as mulheres seguem para entregar os livros e levar conhecimento para as pessoas mais pobres, perfaz-se metaforicamente no sentido em que os direitos e deveres das mulheres estão sendo retirados e outros caminhos precisam ser trilhados e novas rotas devem ser pensadas. Além da obra contida no título e no corpus escrito do artigo, também tratamos de inserir as contribuições teóricas da obra *Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade e sororidade*, da autora norueguesa Marta Breen (2019), corroborando para fortalecer diálogos, pensando sobre fatos e percursos das lutas e conquistas dos direitos das mulheres, estabelecendo reflexões sobre o passado, presente e futuro, este que como propomos discutir, mostra-se desafiador.

**Palavras-chave:** Literatura, Estudos de Gênero, Jojo Moyes, Sororidade.

## INTRODUÇÃO

No último dia 05 de Fevereiro de 2020, o Senhor Presidente da República do Brasil (Jair Messias Bolsonaro) afirmou que não pretende investir na área de combate à

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB) – Universidade Estadual da Paraíba, [r.barros879@gmail.com](mailto:r.barros879@gmail.com)

violência contra as mulheres, concluindo que o problema da área não diz respeito a investimentos financeiros, e sim de postura. Postura de quem? Com relação ao quê? Fato é que, a declaração do Presidente nos gera questionamentos e certo desconforto, pois, para quem acompanha noticiários televisivos, jornais online, impressos ou para quem pesquisa sobre gênero e com mais respaldo sobre a violência de gênero e feminicídio no Brasil, sabe bem o quanto os investimentos são necessários. O discurso que o Presidente profere de forma tão ambígua, apenas se dará mediante investimentos na saúde pública e na educação. A saber: desde 2015 os investimentos do combate à violência contra a mulher vêm sendo esfacelados, culminando com o não repasse de sequer um centavo para a Casa da Mulher Brasileira em 2019, projeto que visa acompanhar e oferecer suporte e atendimentos às mulheres vítimas de violência.<sup>2</sup>

Portanto, ao encarmos essas declarações e tais dados, é conveniente inferir que a situação da mulher é bem mais crítica do que possamos imaginar, quando um governante se recusa a aceitar dados e a enxergar as reais necessidades de uma pasta que clama por seriedade, compromisso e deveres éticos na sua gerência e pulsão vital em seu funcionamento.

Assim, a violência contra a mulher ocorre cotidianamente, entretanto, as leis que punem ou que deveriam punir os agressores de mulheres, ainda são muito brandas e insatisfatórias para atender e se cumprir a demanda preventiva e punitiva de tais atos de violência. O papel social do cidadão deveria ser vigilante e combativo, porém, percebe-se um olhar alheio às questões de gênero, primordialmente aquelas pautadas pelas mulheres. Quando lançamos mão da afirmativa de que a violência contra as mulheres ocorre de maneira tão banal e “normal”, obviamente a fazemos em tom irônico e constituído de muita preocupação e inúmeros questionamentos, construindo uma crítica contundente a todos que perpassam o âmbito social que apregoam um discurso de igualdade e fraternidade entre os povos, povos estes que contemplam as diversas minorias espalhadas nas periferias, nas aldeias indígenas, nos grupos culturais, que agregam, na verdade, uma maioria que é silenciada apenas por não fazer parte de um padrão que seja “aceito” em uma sociedade que eleva a beleza física, a branquitude, a heterossexualidade, a masculinidade e tudo que é tido como “normal”.

---

<sup>2</sup> Reportagem da notícia na íntegra: <https://www.abcdabc.com.br/brasil-mundo/noticia/violencia-contra-mulher-area-precisa-postura-nao-dinheiro-diz-bolsonaro-96626>

Quando observamos as grandes massas levadas para as ruas como os grupos LGBTQIA+, Marcha das Margaridas, MST e tantos outros movimentos feministas e sociais, percebemos que, essas “minorias” se unificadas tornar-se-iam maioria. Isto é tão bem postulado por Paulo Freire que diz: “Nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso, das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que, juntas seriam a maioria.” (FREIRE, 2013, p. 98-99). Como bem pontuado, falta uma melhor organização, articulação e consciência entre as classes e as lutas que, ao mesmo tempo em que se isolam, carecem de um somatório contingencial de pessoas para fortalecer o itinerário de direitos a serem adquiridos e mantidos, no intuito de atender as demandas sociais das classes periféricas.

A luta da permanência e manutenção dos direitos das mulheres (contra o feminicídio), não se encontra distante dos direitos da população LGBTQIA+, negra, trabalhadora, etc. Em síntese, todos e todas querem viver, não serem mortos por serem que são e exercer sua cidadania enquanto cidadãos de direitos e deveres.

É neste sentido que introdutoriamente cabe a nós pensarmos como estamos conduzindo nossas lutas por direitos, quais são as estratégias que adotamos em meio a uma sociedade doentia por poderes e sem nenhuma ética social e igualitária entre todas/os. E qual será o papel da literatura que pretendemos analisar mediante um tema gerador: Violência contra a mulher e a probabilidade de alargar os conhecimentos entre o que somos e o que as personagens do romance têm para nos dizer de modo tão peculiar.

Sobre o poder da literatura e a busca por novos conhecimentos, ressaltamos o novo mediante a literatura nas palavras de Todorov (2009, p. 81), quando temos acesso ao texto literário e nos dispomos frente aos interstícios da obra, leia-se as personagens, estamos diante de personalidades que não se assemelham e, dialeticamente, assemelham-se às nossas, assim, ampliamos nossos horizontes de expectativas, alargando a probabilidade de nos inserirmos em debates constantes para o crescimento pessoal e de maneira geral, refletindo nos ambientes sociais em que estamos inseridos.

Ao tratar da literatura produzida e publicada por Jojo Moyes, uma mistura de sentimentos nos invade: suas personagens femininas vão da mocinha que nos faz sorrir, chorar e sentir algo diferente em detrimento do outro, em uma alternância de percepção de que o outro faz parte das minhas escolhas e que eu tenho que entender e respeitar

essa postura, aos que já conhecem a obra de Moyes, é impossível esquecer a personagem Louise do romance “*Como eu era antes de você*” e do homônimo filmico, que demonstra em sua delicadeza enquanto mulher, uma força tão impactante no sentido de que busca trabalhar para ajudar em casa, que respeita o posicionamento daquele que seria o amor de sua vida, quando seu par romântico decide cometer suicídio assistido.

Ao recordarmos de outra personagem criada por Jojo Moyer, temos a garota Nell, do livro “*Paris para Um*”, que nunca havia se afastado de casa, mas que em comum acordo com seu namorado decide viajar com ele, e de repente encontra-se sozinha, e abandonada por ele em um país desconhecido. Dado aos fatos que se sucedem nas vivências da personagem, ela poderia muito bem voltar para casa chorando, mas decide levar a viagem até o fim, acabando por vivenciar vários momentos que a fortalecem como mulher, propiciando um amadurecimento na sua personalidade e na tomada de decisões em poucos dias, percebendo sua força interior e tantas outras possibilidades de se colocar no mundo enquanto mulher.

Certamente quando lemos e refletimos, podemos até achar que são duas personagens que não despertam nada em nós enquanto leitores, em contraponto aos clássicos e seus personagens mais dramáticos e ao tratarmos da produção literária de Jojo Moyes, afirmando ser literatura popular que corre mundos diversos, e outras artes como o cinema, alguém pode questionar o valor da obra da autora, porém, fica evidente o poder que essa literatura não estudada na academia, faz valer a prerrogativa aristotélica de que a literatura não é a vida real, mas é o reflexo desta, enquanto uma escrita que chega a diversos lugares, por ter um conteúdo clichê, no entanto, viabilizando similitudes e reconhecimentos de características das personagens no público leitor.

Compreendendo a literatura de massa como um veículo de indagações e não somente de entretenimento, vislumbramos novas leituras das personagens, enveredando-se por outros olhares de condutas morais e sociais (ética, trabalho, confiança, conflitos pessoais e familiares), lendo-as como prenúncio do presente que a autora ofereceria com sua obra *Um caminho para a Liberdade*. Em seu enredo, a narrativa traz cinco mulheres distintas e fortes, transgressoras e inspiradoras, em que temos dois fios condutores: a literatura como um caminho para desvendar mistérios e romper com as amarras e vendas que os poderosos insistem em impor aos povos mais simples e humildes e as discussões de gênero sobre o papel das mulheres em uma

sociedade governada pelas forças patriarcais dos senhores e patrões, bem como o aspecto religioso, enquanto um controlador da moral e dos bons costumes.

Como o próprio título da obra sugere, a autora foi construindo seu caminho como escritora, desde as vivências das personagens Louise e Nell, até chegar em Margery O'Hare, Alice Van Cleve, Beth, Izzy e Sophia. Vale frisar que a história traz em seu desenvolvimento, elementos da realidade que abarca o projeto da biblioteca a cavalos, cujo contingente na época, contemplou cerca de 100 mil pessoas<sup>3</sup> beneficiadas pela coragem e pelo trabalho destas mulheres, dado que inspira a não só ressaltar a temática discursiva sobre gênero, mas também como a questão da leitura como porta de entrada para a construção de novos conhecimentos e conscientização social.

### **Mulheres no Caminho da Liberdade através do Conhecimento: uma brevíssima descrição das personalidades de aguerridas bibliotecárias**

Ao nos debruçarmos sobre o texto literário, somos levados aos mais diversos lugares, conhecendo personalidades singulares e histórias que nos inspiram. Quando conhecemos o Condado de Lee, no Kentucky, somos direcionados a um projeto que tivera inúmeros nomes referidos a sua finalidade: biblioteca a cavalos, biblioteca itinerante e tantos outros, com a finalidade de entregar livros às pessoas mais humildes e distantes da cidade, residentes na zona rural do condado.

Cinco mulheres cumpriam esta missão todos os dias, fizesse chuva ou sol, enfrentando dificuldades de ordem natural como chuvas, enchentes, e outras, de ordem cultural: ações de homens que desafiavam o poder da literatura e das mulheres fortes, como Margery O'Hare que, desde pequena fora testemunha ocular da violência contra as mulheres, em específico à violência sofrida por sua mãe:

A primeira lembrança de Margery O'Hare era estar sentada debaixo da mesa da cozinha da mãe, olhando por entre os dedos enquanto o pai espancava seu irmão Jack, de quatorze anos, do outro lado do cômodo, arrancando dois dentes do menino, porque ele tentara impedir o pai de bater na mãe. A mãe, que apanhava um bocado mas não admitia o mesmo destino para os filhos, imediatamente jogou uma cadeira na cabeça do marido, deixando-o com uma cicatriz irregular na testa que lá permaneceu até sua morte. Ele retribuiu o golpe com a perna quebrada da cadeira, é claro, assim que conseguiu ficar de pé outra vez, e a briga só parara quando vovô O'Hare cambaleara até lá vindo da casa ao lado, com a espingarda no ombro

---

<sup>3</sup> Sobre as bibliotecárias que entregavam livros a cavalo, cf. reportagem do site Carta Capital: <https://biblioo.cartacapital.com.br/as-bibliotecarias-que-entregavam-livros-a-cavalo-no-interior-dos-estados-unidos/>

e desejos homicidas nos olhos, ameaçando estourar os miolos de Frank O'Hare se ele não parasse. Não que o avô acreditasse que o fato de o filho espancar a esposa fosse algo, por natureza, errado, conforme Margery descobriu algum tempo depois, mas vovó estava tentando ouvir o rádio e ninguém conseguia escutar nada com aquela gritaria. Havia uma reentrância na parede de pinho na qual Margery foi capaz de enfiar o punho inteiro pelo resto de sua infância.” (MOYES, 2019, p. 67).

A violência presente e a recorrência de tais abusos, não foram suficientes para fazer de Margery uma pessoa acuada e que negasse suas lutas, contrariando esta perspectiva de submissão psicológica, foi diante de tudo isto que, ela se empertigou e seguiu em frente, tornando-se a mulher que queria ser, não a que toda a sociedade esperava, em particular os homens, que ela fosse.

É pertinente ressaltar a intervenção do vovô O'Hare em detrimento da cena dantesca de violência, o senhor não demonstra interesse em acabar com aquela violência por ser contra a tais atos, é perceptível no próprio texto: “Não que o avô acreditasse que o fato de o filho espancar a esposa fosse algo, por natureza, errado” (MOYES, 2019, p. 67). Ele tinha interesse no silêncio, portanto, é evidente que, o homem violentar a mulher da forma que bem quisesse e achasse justo, fosse por uma punição ou pelo seu bel-prazer, seria visto como um direito, reforçando a força patriarcal no trecho destacado.

É perceptível que as figuras masculinas que permeavam a mente e as lembranças de Margery, seriam de homens violentos e sem nenhuma sensibilidade, menos o irmão, que defendia a mãe o qual, entretanto, foi retirado do seu convívio, após a passagem citada, o irmão deixa a casa, e anos mais tarde Margery escuta falar sobre o irmão, com relação a sua morte sobre os trilhos de um trem.

A violência representada nos fragmentos que analisamos anteriormente nos faz refletir sobre o a pequenez da figura feminina, em específico a mãe de Margery, isto em 1937, ano em que a obra é ambientada e que reflete memórias afetivas da personagem. Ao pensarmos sobre o que ocorre em pleno século XXI, seguimos em saldo negativo no que diz respeito à violência contra a mulher. Segundo dados do Ministério da Mulher, da família e dos Direitos Humanos (MMFDH), revelam informações alarmantes sobre as ligações recebidas no disque denúncia 180 no atendimento às mulheres, em 2018 foram: 92.663. Já em 2019 constatou-se apenas nos seis primeiros meses, um contingente de 46.510 denúncias, revelando um aumento de 10,93% quando comparado

com a mesma época do ano anterior. Embasados pelos dados apresentados, pode-se afirmar com convicção que a violência contra as mulheres é algo crescente e que é necessário estudar afundo as causas desse mal.

Nossa segunda bibliotecária trata-se da jovem Alice, vinda da Inglaterra para casar-se com o também jovem Bennet Van Clever, filho único que sempre sucumbia às investidas do pai, demonstrando falta de autonomia desde sua posição enquanto homem solteiro e em contínua subserviência já casado, passando a viver com a esposa junto do pai em sua casa no condado de Lee. Como características da personalidade de Alice, podemos inferir que, a jovem não seguia os padrões impostos pela sociedade da Inglaterra, de uma educação baseada na submissão ao homem. Sempre muito à frente do seu tempo, fora uma das primeiras a demonstrar interesse em participar da biblioteca a cavalos.

Vale ressaltar que Alice enquanto inglesa sofreu preconceito não apenas pelo seu comportamento, mas também pelo seu sotaque e a desconfiança de algumas pessoas tradicionais, sendo considerada uma forasteira, sofrendo mais um preconceito de caráter xenófobo. Para Alice, a instituição do casamento seria algo que se desenvolveria em atos de interação e vias de mãos duplas, pelo marido com características favoráveis (bonito, rico e gentil), seu casamento seria uma oportunidade para certa “liberdade”, ainda que Alice fosse uma moça sem grandes aspirações para o matrimônio, contudo a jovem inglesa que, apesar de ser uma moça diferente das outras, demonstrando seus interesses e desinteresses de maneira sincera, também mantinha certa delicadeza em suas ações, quando conheceu o futuro esposo:

Os homens olhavam muito para Alice, e Bennet logo ficara encantado com aquela jovem inglesa elegante, de grandes olhos castanhos e cabelo louro volumoso e ondulado, cuja voz nítida e articulada era diferente de tudo que já ouvira em Lexington e que, como notara seu pai, poderia ser muito bem uma princesa britânica, a julgar pelos modos requintados e a maneira refinada com que segurava uma xícara de chá. (MOYES, 2019, p. 16 e 17).

Nitidamente um casamento de interesses para todos e todas, Alice que vira naquele casamento a liberdade da prisão em que vivia na casa dos pais, e também pelo interesse mútuo entre o casal. O senhor Van Cleve que sempre manipulou o filho, aprovava a união, e a princípio supôs que Alice seria uma nora também manipulável.



Com relação aos pais de Alice, nota-se a preocupação de que a filha nunca chegasse à realização do matrimônio, justamente porque ela não se interessava e os rapazes não a viam com bons olhos por ser uma moça que não seguia à risca o recato e as atividades do lar, mas demonstrava ser uma voz ativa na sociedade.

A terceira bibliotecária é Beth Piker, apresentada inicialmente como a bibliotecária que já havia realizado alguns trabalhos para a propagação da biblioteca, juntamente com Margery O'Hary. Beth é caracterizada a princípio como uma moça tímida, sendo filha única entre vários meninos. No desenvolver do enredo, a personagem também demonstra ser uma jovem de características fortes, humor ácido e apurado, irreverente, além de beber e fumar, atos vistos como normais por ela e pelas outras bibliotecárias.

Izzy Brady é a filha da Sra. Brady, umas das importantes figuras femininas que fomenta e ressalta a importância do investimento da leitura e do acesso aos saberes diversos que as moças promoveriam. Digamos que Izzy se envolve mais por certa imposição por parte de sua mãe. Ela surge como uma jovem mal humorada, desmotivada, sem saber cavalgar, além de uma deficiência em uma das pernas. Felizmente ela se sente bem acolhida e foi vencendo seus preconceitos e seus medos.

Para culminar o relato descritivo das nossas heroínas literárias, traremos à tona Sophia citada na epígrafe deste artigo, uma experiente bibliotecária que, desde pequena fora incentivada ao hábito da leitura. Quando Margery a reencontra e faz o convite para que juntamente com ela e as outras moças fortaleçam o projeto, percebesse um diálogo conflituoso por conta do racismo que dividia as pessoas naquela época e devemos reforçar que ainda hoje é motivo de muitas reflexões e de conscientização para que as pessoas que manifestam tão violência contra as pessoas negras, despertem para uma consciência do quanto se faz prejudicial o racismo estrutural que ainda vigora de maneira tão latente em sociedades desiguais e preconceituosas, como as que estamos inseridos, revelando assim, a participação de todos e todas em uma ação efetiva contra qualquer tipo de preconceito:

— É uma biblioteca para negros — soltou Sophia, o tom de voz mais ríspido. Ela apertou as mãos, que descansavam sobre as pernas, e continuou: — A biblioteca de Louisville. É para os negros. Tenho certeza de que você sabe disso, Srta. Margery. Não posso trabalhar em uma biblioteca para gente branca. A menos que na verdade esteja me pedindo para sair para cavalgar com você, e eu com certeza não vou fazer isso.” (MOYES, 2019, p. 88).



A negativa por parte de Sophia em não querer participar da biblioteca para “brancos” ressalta as marcas da depreciação e o preconceito contra o qual a personagem lutava ou dele se escondia, porque quando aceita o convite, dedica-se ao trabalho noturno, organizando e fazendo reparos em livros danificados, mas não somente isso, ela trabalha à noite para esconder-se das pessoas. Não o suficiente ter todo o domínio e conhecimento enquanto bibliotecária de Louisville, uma biblioteca apenas para negros, o que a sociedade de “bem” apenas julgaria seria a cor da pele de Sophia e não sua competência enquanto intelectual e leitora.

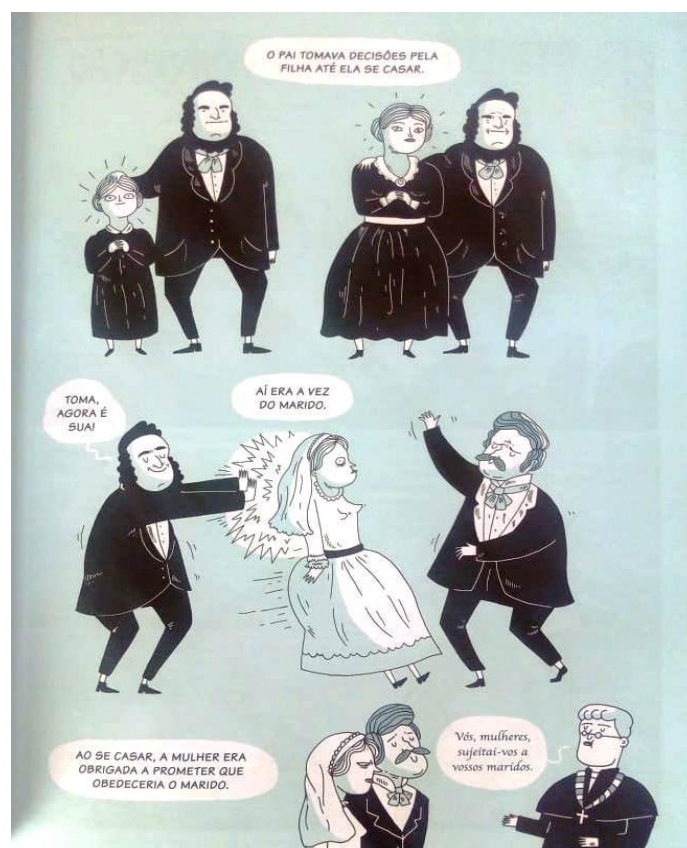
Evidenciam-se as diferenças e as semelhanças entre as cinco mulheres: são mulheres demasiadas fortes dentro das respectivas peculiaridades. No desdobramento da narrativa literária, as bibliotecárias mergulham em um voo livre pelo mar da leitura e da não repressão, lutando contra injustiças sociais e leis regidas por pessoas brancas e do sexo masculino.

### **A submissão mediante o matrimônio e o patriarcado em alguns fragmentos da obra: Costumes, violências psicológicas e físicas**

Entre as muitas temáticas discutidas em *Um caminho para a Liberdade*, o casamento e a pressão para que mulheres casadas se tornem mães, logo nos primeiros meses de casadas, é muito evidente nas vivências de Alice e Margery. Além do mais, o patriarcado é fomentado não somente pela submissão das mulheres com relação ao pai, como também por parte do sogro, assim representando pelo Sr. Van Cleve, pai do esposo de Alice.

*Mulheres na Luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade*, livro da norueguesa Marta Breen, ilustrado por Jenny Jordahl, retrata bem essa perspectiva das tomadas de decisões pelo pai que, posteriormente seriam delegadas ao marido da filha:

**Fig. 1-** Retrato da condição feminina sob o domínio do homem



Fonte: Livro *Mulheres na luta: 150 em busca de liberdade, igualdade e sororidade*, de Marta Breen, 2019.

Sem ter uma voz ativa e totalmente manipuladas como fantoches, as mulheres viam-se submissas aos interesses do pai e depois do casamento, aos do marido, que assumia a tomada de decisões pela mulher, quando a mulher teria vez, voz e vontades próprias? Provavelmente nunca, caso não existissem mulheres que desafiassem as leis impostas e os abusos de poderes adquiridos por partes dos homens, outorgados por eles mesmos ao longo do tempo, talvez porque acreditava-se como até hoje, em certa medida, que, a mulher não seria capaz intelectualmente o bastante para gerir sua própria vida. Podemos citar como grandes figuras femininas que são exemplares e transgressoras: Toni Morrison, primeira escrita negra a ser agraciada com o prêmio Nobel de Literatura em 1993; *Sojourner Truth*, primeira mulher negra a enfrentar um tribunal para pedir que seu filho fosse devolvido para ela; *Conceição Evaristo*, professora, mulher, negra, doutora e uma grande escritora da nossa literatura, e tantas outras que precisamos conhecer.

Ainda sobre imagem apresentada, segue-se ilustrando com relevância o posicionamento da Igreja Católica sobre a relação subserviente da mulher perante o homem: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos.” Ao enfatizar mais uma vez a sujeição da mulher mediante a força do homem, líderes religiosos tendem deturpar a liberdade e igualdade de gênero, contribuindo para materializar uma realidade cada dia mais árdua no processo de concretização dos direitos das mulheres.

Na contemporaneidade, é perceptível a força e a organização da mulher na esteira da luta por direitos, mas como bem grifado por Marta Breen em uma entrevista<sup>4</sup> quando de sua vinda ao Brasil para a divulgação do livro citado, aborda direitos conquistados pelos movimentos feministas, a autora remete à sociedade em um mundo dito como globalizado, cada vez mais vem sendo conduzido por líderes políticos de extrema direita que, em defesa da família tradicional, dos bons costumes, implicam em revogar tais direitos como: Direito ao voto, decisões sobre o próprio corpo, acesso à Educação, ao mercado de trabalho, etc. São direitos transitórios, em constante intermitência e ameaça por parte dessas lideranças governamentais. É preciso permanecer em constante atenção e alerta pela reivindicação e manutenção de tais direitos.

Retomando discussões sobre o casamento e a figura da mulher abaixo da figura masculina, vemos que Alice, agora a Sra. Van Cleve, recém-casada, não consegue ter nenhum momento de intimidade ou interação a sós com o marido, morando com o sogro e como já citado, este que se sente dono e senhor de tudo, faz com que a relação do casal seja arruinada já nos primeiros momentos naquela casa.

As cobranças e pressão sobre a jovem Alice se demonstram mais incisivas diante da questão: mas como assim, uma mulher casada que não engravida? Algo está errado com ela, e por que não com o marido? Fofocas, comparações e mal-estar são causados por ocasião de um jantar com os familiares, o pastor da cidade e sua irmã, tornara aquele momento uma espécie de tribunal condicionado de acusações veladas, de soluções esdrúxulas (orações, superstições), ou até mesmo da tese de que suas entranhas estivessem sendo chacoalhadas por conta dos longos trajetos que a jovem realizara todos os dias no trabalho com a biblioteca, até chegar à conclusão de que realmente o problema da não gravidez de Alice não partia dela em si, mas pela inconveniente

---

<sup>4</sup> Mulheres na luta: Entrevista com Marta Breen. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=U9-kclwfUqc&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=U9-kclwfUqc&feature=emb_logo)

pressão e presença do sogro. Em pensamentos, Alice traz à luz a intransigência da proximidade entre nora e sogro:

Talvez quando o nosso quarto não for tão perto do seu que dê para ouvir sua flatulência, respondeu Alice mentalmente, servindo-se de purê de batatas. Talvez quando eu tiver a liberdade de ir ao banheiro sem me cobrir até os tornozelos. Talvez quando não tiver que ouvir esse papo pelo menos duas vezes por semana. (MOYES, 2019, p. 92).

Definitivamente o casamento não havia sido consumado. Alice por ser mulher teria que se acostumar às cobranças: não seria correto reclamar pela falta de privacidade e deveria ouvir os mais velhos e religiosos para sanar o grande problema que a tornaria uma mulher incompleta, segundo a concepção daquelas personalidades antiquadas que a cercava, já que pela ótica do Sr. Van Cleve: “Às vezes uma moça não sabe o que é melhor para si.” (MOYES, 2019, p. 94), reforçando o cárcere privado para com a nora e o gerenciamento das ações da mesma, como se ela por ser uma moça, não soubesse o que fazer ou dizer, banalizando a vida da mulher.

Em um dado momento, a relação entre nora e sogro se dá de maneira ainda mais conflituosa, propiciando violência física e psicológica. Durante o trabalho enquanto bibliotecária, Alice encontrou um refúgio, distanciando-se daquele ambiente inóspito em que vivia. A moça empenhava-se e humanizava-se em cada vivência cotidiana nas montanhas. Em certa ocasião a jovem quis trazer um pouco mais de alegria para duas meninas órfãs de mãe que, às duras penas eram criadas pelo pai, homem bom e esforçado. Na ocasião Alice doa duas bonecas de porcelana que eram da sogra, fazendo com que a ira do Sr. Van Cleve fosse afluída, culminando em uma cena mais comum do que se imagina:

Amanhã de manhã você vai subir as montanhas e pegar minhas bonecas de volta. – não vou, não. Não vou tirar as bonecas de duas meninas órfãs. Van Cleve ergueu seu dedo gordo e enfiou na cara de Alice. – Então está proibida de pisar naquela maldita biblioteca, ouviu bem? – Não – disse ela. – Como assim “não”? – Eu já lhe disse antes. Sou uma mulher adulta. O senhor não pode me proibir de nada. Mais tarde, ela se lembraria de ficar com medo de que o coração do velho Van Cleve parasse de bater, de tão vermelho que seu rosto tinha ficado. Mas, em vez disso, ele ergueu o braço e, antes que ela percebesse o que estava acontecendo, uma dor abrasadora explodiu na lateral de sua cabeça. Ela caiu na mesa após os joelhos cederem. (MOYES, 2019, p. 183 e 184).

Ao ser contrariado, o senhor Van Cleve explode e agride fisicamente a mulher do filho, de maneira totalmente arbitrária e covarde, no entanto, é perceptível a força e a segurança de Alice, demonstrando a verdadeira energia que deve habitar as mulheres já tão subalternizadas e subjugadas pela figura dominante masculina. A violência sofrida pela personagem, citada no fragmento, toma proporções ainda maiores, condiciona o poder de mimetizar o que de fato acontece na vida privada e real das mulheres que ousam de maneira heroica romper com as amarras que as prendem. Alice diz em alto e bom tom: “Sou uma mulher adulta”, podendo muito bem escolher ou que fazer ou não, julgar o que seria bom ou ruim para si. Quando veem a autoridade masculina fragilizada, o único mecanismo de combate para esta força motriz chamada “uma mulher empoderada”, utilizar-se da força física.

Ainda sobre o matrimônio, a personagem Margery também tem certa aversão ao casamento, familiarizados com a mulher que a personagem é, recordemos das memórias afetivas da infância conturbada que externa muito desse medo e da não subserviência ao homem, mesmo que há dez anos ela mantenha um relacionamento com um homem muito bom, nutre carinho, respeito e preza pela liberdade de Margery, ainda que a queira como sua esposa. Atentemos para um breve diálogo entre Margery e Sven:

– Não estou fazendo um pedido, dou minha palavra. É só uma curiosidade. Porque me parece que não tem tanta diferença assim. Margery pousou o garfo e a faca no prato. – Bom, tem uma diferença. Porque neste exato momento posso fazer o que eu quiser e não será da conta de ninguém. – Já falei que sua vida não mudaria. Eu esperava que depois de dez anos você soubesse que sou um homem de palavra. – Mas não é apenas a liberdade de agir sem ter que pedir permissão, é uma liberdade na minha cabeça. É saber que não devo prestar contas a ninguém. Que posso ir para onde eu quiser. Fazer o que eu quiser. Dizer o que quiser. *Amo você, Sven, mas amo você enquanto mulher livre.* (MOYES, 2019, **grifo nosso**, p. 156).

O casamento não é um sonho de muitas mulheres, manter um relacionamento nos moldes do que hoje se denomina relação estável, já seria o máximo que poderia exigir-se de uma pessoa que desde a infância percebia como funcionava os mecanismos de anulação da mulher em detrimento do homem. São resquícios de uma marca que é sintomática na vida de Margery.

No Brasil, temos, contemporaneamente, o caso da cantora Joelma, a paraense que por muitos anos comandou os vocais de uma das maiores bandas independentes do nosso país, ao lado do seu então marido. Poucas pessoas devem saber da infância feliz, porém difícil da artista, relatos de que ela varria os pés para não casar, ato que, segundo os saberes populares, afastaria o matrimônio da vida das pessoas. Acerca da relação que se pode fazer aqui entre Margery e Joelma, encontra-se registrada na canção: *Perdeu a razão* interpretada por Joelma e que conta com a participação especial de Marília Mendonça, uma reflexão exposta sobre a infância marcada por abusos e violências e de como a arte imita a vida. Vejamos a transcrição do depoimento da artista ao final do clipe:

Essa música... ela faz eu lembrar da minha infância, aqueles dez por cento da minha infância que não foram bons, tanto é que quando eu fui colocar a voz nessa música, chegava justamente nesses dez por cento, eu desabava, eu não aguentava, eu chorava muito. O que me traz muita força é a vida da minha mãe, ela costurava com uma lamparina até duas da manhã uma da manhã, para conseguir entregar a roupa, pra ... (emoção) ela ia dormir lá para as três horas da manhã e o meu pai chegava embriagado e espancava ela. Essa música fala que uma mulher traiu né? Mas, nem por isso você têm que usar de violência, não, traiu? tudo bem, segue a tua vida que eu sigo a minha, não precisa agredir não precisa matar não precisa fazer isso. A partir do momento que eu saí daquele estúdio que eu consegui cantar essa música, chorei muito, botei tudo pra fora, eu senti que passou, exatamente, voltei a voar. (Clipe da música *Perdeu a razão* - Joelma e Marília Mendonça).<sup>5</sup>

Ostensivamente a violência não só ocasiona danos físicos às pessoas que os sofrem. Quando um homem covardemente agride uma mulher, não apenas esta se torna vítima, como também os filhos, outros familiares e vizinhos: todo sujeito social é atingido por isto. As vivências da personagem e as mazelas da infância da cantora em questão vão de encontro aos outros níveis de violência que perpassam a agressão física, ultrapassando os limiares da violência psicológica, em específico os traumas da infância.

No mundo real a cantora Joelma separou-se depois de dezenove anos de casamento, alegando que sofria todos os tipos de violência possíveis por parte do marido, uma medida protetiva impediu que o ex-cônjuge se aproximasse da artista. Em

---

<sup>5</sup> Perdeu a razão: Joelma e Marília Mendonça – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sj4UcgLlc8Q>

pleno ano de 2020 o ex-marido ainda se envolve em muitas polêmicas que dizem respeito a violências contra funcionárias que trabalham com ele, nada foi feito e o homem circula livremente na sociedade.

No livro *mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019), a personagem principal, uma jovem advogada passa por um trauma quando na infância, involuntariamente sendo testemunha ocular das violências sofrida pela mãe, em virtude da separação com o pai. O pai assassina a ex-esposa e toma outras providências para se livrar do corpo, simulando um acidente de carro. Anos mais tarde, ao se relacionar com homens, ela sente medo, pois, o homem que ela vinha conhecendo a agride fisicamente e profere palavras ofensivas. Ela se afasta e não consegue mais confiar no indivíduo. As conexões entre as figuras femininas abordadas neste tópico refletem ainda sobre os traumas e as consequências de tais acontecimentos, permitindo dizer que a melhor solução é não esperar acontecer novamente, perdoar não é confiar, o que se tem a fazer é agir e buscar meios legais, mesmo sabendo que são mecanismos de defesas frágeis, no entanto, deve-se seguir o que é pertinente, não se permitir vivenciar uma relação abusiva e opressora.

### **Um caminho à parte: a mulher negra no Caminho para a liberdade**

Como referido na introdução deste trabalho, afirmamos a necessidade de um alinhamento da luta, unificando e ressaltando a união das ditas minorias, porém, sabemos que existem peculiaridades em cada luta e em cada característica do sujeito social que esteja inserido em uma batalha constante de afirmação de não se encaixar como num quebra-cabeça ao padrão burguês, patriarcal, elitista e excludente.

A luta da mulher negra ocorre na esteira de ser mulher e ser negra, quando a diferença de gênero já eclode relações de poder e culturalmente os negros são mortos literalmente e socialmente. Quando ressaltamos a figura feminina de Sophia e quando percebemos os tratamentos pelos quais a personagem passa, ressaltamos a necessidade de ponderar acerca da desestabilização das lutas entre as mulheres, mulher negra, mulher branca, mulher pobre, mulher rica, mulher trans, mulher solteira, separada, lésbica, todas em situações vistas por prismas diferentes e que necessitam de múltiplos olhares na compreensão de seus papéis na luta e na sociedade.

Além disso, é demonstrado de maneira evidente que, para a mulher branca, alguns privilégios ainda são postos e vistos como algo seletivo e positivo. Ao nos referimos a Sophia, uma moça culta, letrada e de boa educação, falamos também do



lugar das outras mulheres da biblioteca, independente de suas posturas comportamentais, elas não eram negras e podiam caminhar ainda que sob alguns olhares furtivos de reprovação, de maneira mais livre do que a mulher negra. Sophia por ser negra e mulher é posta as margens sociais, e se formos nos guiar pelo texto literário, podemos dizer que este pequeno fragmento é uma metáfora para denotar a real situação da mulher negra na nossa sociedade:

Às oito e meia, as portas se abriram e a multidão entrou. Sophia se sentou nos fundos com os outros negros. Alice acenou para ela. Parecia errado a amiga não se sentar ao lado das outras bibliotecárias, mais um exemplo de um mundo fora dos eixos. (MOYES, 2019, p. 322).

É impactante como a estrutura gramatical, sintática e literária de poucas linhas, possam intimamente dizer tudo sobre a construção social que faz com que o mundo esteja fora dos eixos. No desenvolvimento narrativo de maneira mais efetiva, ainda pode-se ter a oportunidade de se testemunhar tantos outros absurdos e desmandos praticados pela elite social, que em detrimento da cor da pele do próximo, propaga-se a inferioridade por características que pouco dizem do caráter, da competência e da boa conduta do cidadão perante a sociedade. É importante em dado momento realizarmos a alternância entre a vida literária e a vida vivida no percurso social, fazendo isto, torna-se propício relatar sobre a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que se projeta para a vida real como a Sophia de Jojo Moyes. Chimamanda além de ser uma mulher negra, é uma mulher forte, intelectual, curiosa e empoderada.

Em sua palestra *Todos devemos ser feministas*<sup>6</sup> e o livro *Sejamos todos feministas*, a autora aborda o lugar da mulher negra, que deve sempre se portar da maneira que os homens querem, ou ainda sobre as mulheres que abrem mão de exercer funções de competência igual ou superior a dos homens, tudo isto para não quebrar os paradigmas patriarcais e machistas da sociedade. Ao fazê-lo, Chimamanda utiliza da ironia e da alegria que é comum a ela, todavia, abordando memórias que fazem parte de sua vida e que revela sua personalidade perspicaz e inteligente.

Sophia e Chimamanda exemplificam irrefutavelmente o que Angela Davis aponta sobre o conhecimento e unificação das lutas entre as mulheres brancas e negras, quando reflete a busca pela a educação das mulheres negras nos Estados Unidos: “Elas

---

<sup>6</sup> A palestra pode ser assistida aqui:

[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_we\\_should\\_all\\_be\\_feminists?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt-br)

devem ter percebido como as mulheres negras precisavam urgentemente adquirir conhecimento – uma lanterna para os passos de seu povo e uma luz no caminho para a liberdade.” (DAVIS, 2016, p. 120). As pessoas poderosas (em termos financeiros) temem outra pessoa imbuída de conhecimento e empoderada. A sororidade é demonstrando a partir do convite feito por Margery para que Sophia viesse a fazer parte da biblioteca, independente de sua cor, o que balizou a decisão em convidá-la, seria por conta da mulher forte, inteligente e que necessitava desenvolver sua coragem. Além do próprio caminho daquelas mulheres, outros caminhos foram traçados para os estudos de gênero e os fomentos do conhecimento.

### **Conclusão**

Ao aliarmos a arte literária e fatos do cotidiano, os quais dizem respeito sobre a violência contra a mulher, à luta por direitos, conquistas e retiradas destes, inferimos que o papel da literatura, em específico da obra *Um caminho para a Liberdade* de Jojo Moyes, desperta reflexões e questionamentos sobre a realidade de maneira mais enfática, e quando questionamos o que é retratado nas cenas de violência impostas sobre as personagens, passamos por um processo de estranhamento e conscientização.

Portanto, o leitor e a leitora que apreciam a obra e que, por conseguinte se deparem com tais realidades representadas ao longo do trabalho, mediante fatos históricos e dados oficiais do Governo Federal, ou até mesmo da transcrição de relatos de violências físicas, verbais e morais, sofridos por mulheres no mundo real, será inquestionavelmente capaz de refletir e agir de maneira combativa contra a violência de gênero, ou até mesmo de pensar sobre a mesma violência vivida por uma das personagens, mas acaba sendo repetida na casa do vizinho, no local de trabalho.

Em sùmula, *Um caminho para a liberdade* e o nosso artigo se propôs a traçar um caminho formativo para libertar as pessoas de vendas sociais retrógradas, mediando conhecimento literário, histórico e reflexões acerca da literatura e das discussões sobre a violência contra a mulher.

## Referências

BREEN, M. *Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e Sororidade*/Marta Breen; ilustração Jenny Jordahl; tradução Kristin Lie Garrubo. 1ª ed. – São Paulo: Seguinte, 2019.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*/Paulo Freire – 46ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MELO, P. *Mulheres empilhadas*/Patrícia Melo. – São Paulo: Leya, 2019.

MOYES, J. *Um caminho para a liberdade*/ Jojo Moyes; tradução de Ana Rodrigues... [et al.]. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*/Tzvetan Todorov; tradução Caio Meira.- Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.